

**LIMA BARRETO E A CRÍTICA:
A PUBLICAÇÃO DE *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA***

NOGUEIRA, Clara Asperti¹

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar a bibliografia crítica sobre o escritor Afonso Henriques de Lima Barreto a partir do momento da publicação, ainda em folhetins, das primeiras páginas do romance de estreia: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. Deste modo, pretende-se inventariar a crítica oficial acerca do trabalho do escritor bem como revelar a imagem que esta crítica, no limiar do século XX, disseminou sobre Lima Barreto. Ponderar sobre a leitura da obra feita através da crítica literária oficial do século XX é maneira fértil não só de resgatar o modo de atuação da crítica do período, mas também modo interessante de se revelarem os rótulos impostos a Lima Barreto no momento em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica literária; Lima Barreto; Literatura brasileira.

**LIMA BARRETO AND CRITICISM:
PUBLICATION OF *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA***

ABSTRACT: The purpose of this paper is to analyze the critic bibliography concerning the writer Lima Barreto, from the time of publication, still in feuilleton, of his debut novel: *Recordações do escrivão Isaías Caminha*'s first pages. In this way, we'll make an inventory of the official criticism about the writer's work as well to bring out the image of this criticism, at the 20th century beginning, created about Lima Barreto. Think about the reading of Lima Barreto's work made by official literary criticism of 20th century is a productive way to redeem the literary criticism's manner of performing, but also interesting way to show the creation of Lima Barreto's stereotypes at that time.

KEYWORDS: Literary Criticism; Lima Barreto; Brazilian literature.

¹ Aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras (Departamento de Literatura – Linha de Pesquisa: Literatura e Vida Social), na Universidade Estadual Paulista – Unesp – Campus de Assis. Bolsista CAPES. E-mail: claraasperti@yahoo.com.br.

A autoridade sobre o pensamento crítico oficial, nos primeiros decênios do século XX, pertencia não só e ainda aos nomes que divulgaram os ideais deterministas a partir da década de 1870, como também a personalidades de tendências críticas variadas como Gonzaga Duque, João Ribeiro, Osório Duque-Estrada, Andrade Murici, Agripino Grieco, Medeiros e Albuquerque e, posteriormente, Tristão de Ataíde, que compartilharam com Sílvio Romero e Araripe Júnior a função de serem os porta-vozes da crítica oficial brasileira. No entanto, entre todos, sem sombra de dúvidas, era José Veríssimo o mais experiente, profícuo e de “prestígio incontestável” (MARTINS, 2002, p. 329) entre seus pares.

Tentando unir impressionismo crítico à tendência menos ortodoxa do cientificismo, com sua “dupla face de Janus”, como lucidamente propôs João Alexandre Barbosa (1974), Veríssimo situava o exercício de sua crítica entre o ofício de crítico estético e o rigor do historiador literário. É clara, na leitura de sua produção crítica, a negação dos valores teóricos mais rígidos definidos pela geração de 1870 e a opção pela interpretação da literatura brasileira pelo viés estético – contudo, sem deixar de observar, através da literatura, a presença da consciência nacional. José Veríssimo soube, e aí está o seu diferencial, equilibrar os dilemas de sua época: literatura, história, nacionalidade. Sem abrir mão da visão naturalista que conduzia os estudos literários ainda nos primórdios do século XX, Veríssimo optou pelo estético. Em sua faina crítica, privilegiou a defesa de uma literatura brasileira baseada na originalidade e, principalmente, no talento individual.

Ao tentar estabilizar a imagem de uma literatura representativa do sentimento nacional, Veríssimo não se propôs a delinear um conceito categórico, mas deixou em *História da literatura brasileira* uma caracterização bem pertinente, na qual, para ele, literatura fundamentalmente seria:

(...) sinônimo de boas e belas letras, conforme a vernácula noção clássica. Nem se me dá da pseudo-novidade germânica que no vocábulo literatura compreende tudo o que se escreve num país, poesia lírica e economia política, romance e direito público, teatro e artigos de jornal e até o que se não escreve, discursos parlamentares, cantigas e histórias populares, enfim autores e obras de todo gênero (VERÍSSIMO, 1963, p. 12).

Diferentemente de Sílvio Romero, que definia a literatura como *todas as manifestações de um povo*, José Veríssimo, constante na defesa da literatura como sinônimo das “belas letras” — e, conseqüentemente, reflexo da manifestação da originalidade — conclui que: “A história da literatura brasileira é, no meu conceito, a história do que da nossa atividade literária sobrevive na nossa memória coletiva de nação” (VERÍSSIMO, 1963, p. 15). Integrante do campo intelectual, situando-se como um leitor especializado, o crítico tem

por função fazer uma leitura selecionada da criação literária. Pierre Bourdieu pondera que a verdade social da obra é dada inicialmente pelo crítico que, agindo como um “intérprete privilegiado”, julga o valor da criação, dando-lhe, desse modo, sentido público. Por essa primeira recepção social e por esse primeiro crivo, o crítico, no seu papel de “homem de gosto”, detentor do saber e autoridade em “formar o gosto de seus contemporâneos” (BOURDIEU, 1968, p. 121) autoriza a fama — o sentido público da obra — ou compete para seu ostracismo.

Nesse sentido, agindo como legitimador cultural na estrutura do campo intelectual brasileiro no início do século XX, pode-se argumentar que José Veríssimo colaborou para o insucesso da repercussão crítica da obra de estreia de Lima Barreto: *Recordações do escrivo Isaías Caminha*.

Conforme *A Tradição do Impasse* (1974), estudo sobre a linguagem crítica de José Veríssimo, a sua atividade intelectual concentrou-se entre 1878 e 1916, e pode ser dividida em três fases, de acordo com o desenvolvimento, o empenho e a especialização da linguagem crítica. Em linhas gerais, a primeira fase do crítico acompanha os anos de atividade intelectual provinciana entre 1878 e 1890, fase esta em que podemos destacar a publicação de *A Educação Nacional*. Neste momento, a nacionalidade como critério de evolução literária ainda estava bem presente na produção de Veríssimo, influenciado pelo naturalismo. Em um segundo momento, entre 1891 e 1900, deu-se a afirmação de Veríssimo como crítico regular de jornais e revistas. Já transferido para o Rio de Janeiro, publicou, entre outros, *Estudos Brasileiros: Segunda Série (1889-1893)* em 1894, fase na qual a ironia e o ceticismo superariam a influência naturalista na crítica, possibilitando-lhe até incursões entusiasmadas pelo impressionismo. A partir de 1901, e até sua morte em 1916, a especificidade da crítica literária se uniria ao desejo de participação, pelas Letras, na vida nacional, em que há, nitidamente, a retomada da abordagem histórica e que culmina com a publicação póstuma de *História da literatura brasileira* em 1916. Este terceiro momento da produção crítica de Veríssimo é o momento da “Dupla face de Janus”:

(...) uma [face] voltada para os desígnios de nossas primeiras buscas de autoidentificação (critérios de nacionalidade/substratos etnográficos) e a outra proposta pelas modificações da sociedade (aspiração da especificidade crítica/começo de um novo modelo de reflexão) (BARBOSA, 1974, p. 157).

José Veríssimo, paradigma da crítica desenvolvida entre as três últimas décadas do século XIX e a primeira do século XX, representou, através da sua obra histórico-literária, “o crítico, empenhado na avaliação e no julgamento das obras, e o historiador literário, correndo

tranquilo por entre valores já firmados, e, por isso, podendo, de forma bem mais convincente, tentar a aliança entre o impressionismo crítico e o modelo naturalista” (BARBOSA, 1974, p. 161). E é nesta terceira fase, de maturidade, que se encerram os comentários de Veríssimo sobre a obra de Lima Barreto.

A obra de estreia literária de Lima, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, é de 1909. Entretanto, os capítulos iniciais do romance (o primeiro, o segundo e parte do terceiro capítulos) já haviam saído, preliminarmente, na fugaz revista *Floreal*, dirigida e editada pelo próprio Lima Barreto em 1907². Entre a publicação em folhetins e a circulação em volume do romance, deu-se o primeiro entre parcos – mas sintomáticos – dois comentários feitos por Veríssimo sobre a obra barretiana. A segunda manifestação seria em

Muitos estudiosos da obra crítica de Veríssimo acusam que “a verdadeira militância” do crítico “se encerra em 1908, para ser retomada em 1912” (BARBOSA, 1974, p. 168); a informação é de grande relevância se pensarmos que a segunda opinião emitida por Veríssimo, em 1910, encaixa-se no momento do retraimento de sua atividade crítica – principalmente dos jornais e das revistas. Talvez daí se explique o fato dessa citada segunda manifestação ter-se dado em forma de carta, ou seja, de forma íntima e não publicada.³

Por que um crítico, considerado por todos de sua época, militante e assíduo colaborador intelectual de jornais e revistas de grande circulação, se omitiu da opinião pública sobre a obra, hoje um dos mais conhecidos textos de Lima Barreto? Justificaria a suposta “aposentadoria” temporária da lide jornalística em 1908? Ou o romance, claro libelo contra a política preconceituosa e elitizada dos periódicos do momento, seria a causa de tamanho silêncio por parte do importante crítico?

Certamente o que com segurança podemos afirmar é que nem o mais prestigiado crítico se manifestou nem os demais em atividade se arriscaram em tal empreitada. Couberam só a Medeiros e Albuquerque e Alcides Maia as minguidas e as superficiais referências a *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*.

² Com o sonho de fazer da *Floreal* um instrumento de intervenção na sociedade e, desencantado com a imprensa burguesa, o diretor e editor Lima Barreto pôs nas ruas cariocas, em 25 de outubro de 1907, o primeiro número de sua revista. Publicação de caráter autoral – quase um grito de afirmação – Lima Barreto tentava, assim, a construção de uma rede de sociabilidade e a chance de sair do anonimato. Apenas quatro edições circularam da revista, tendo seu último número editado em 31 de dezembro de 1907. Sobre a revista *Floreal*: BOTELHO, Denílson. *Floreal e o Jornalismo no Tempo de Lima Barreto*. Trabalho apresentado no VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

³ Esta carta, enviada em 5 de março de 1910, só viria a público na primeira edição da biografia de Lima Barreto, de autoria de Francisco de Assis Barbosa, na década de 1950. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

A primeira manifestação crítica de José Veríssimo sobre a obra de Lima Barreto foi publicada em 9 de dezembro de 1907, na coluna “Revista Literária” do *Jornal do Comércio*⁴. Conhecido pelo seu temperamento crítico judicativo, pelo qual, muitas vezes, era chamado de “Severíssimo”, é importante registrar seu primeiro comentário crítico acerca da obra, ainda em folhetim, de Lima Barreto:

Ai de mim, se fosse a “revistar” aqui quanta revistinha por aí aparece com a presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem [sic] sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que, com o nome esperançoso de *Floreal*, veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia”, do Senhor M. Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela, *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão.

O primeiro número da *Floreal* saiu nas ruas cariocas em 25 de outubro de 1907, com o primeiro capítulo de *Recordações*. A manifestação de Veríssimo só viria em dezembro do mesmo ano, quase concomitantemente à publicação do quarto e derradeiro número da “revistinha”. É curioso que um crítico demore tanto para emitir sua opinião, mesmo sendo ela breve e superficial como podemos notar. Na realidade, o que se observa é mais um breve elogio à revista *Floreal* do que propriamente uma crítica de consistência aos primeiros momentos do romance ali publicado. Percebe-se na intenção de Veríssimo, além de deixar evidente sua imparcialidade e sobriedade no comentário, o tom esperançoso que depositava no promissor escritor Lima Barreto.

Após esse breve interesse de Veríssimo, Lima achou cordial agradecer-lhe, pessoalmente, a referência. A apreciação do crítico geraria empolgação na redação da *Floreal* e, nas palavras de Francisco de Assis Barbosa (2002, p. 177), certo “rebuliço” e discussões pelo artigo, principalmente em Lima e Ribeiro de Almeida, que foram os únicos colaboradores da revista a serem citados nominalmente por Veríssimo. No *Diário Íntimo* (1956, p. 125-126), Lima Barreto descreveu, além dos conselhos dados, o modo cordial pelo qual foi recebido pelo crítico:

O ano que passou foi bom para mim. Em geral, os anos em 7 fazem grandes avanços aos meus desejos. Nasci em 1881; em 1887, meti-me no alfabeto; em 1897, matriculei-me na Escola Politécnica. Neste andei um pouco, no

⁴ O mesmo texto, atualmente, é parte integrante do prefácio ao volume *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. BARRETO, Lima. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. In: BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

caminho dos meus sonhos. Escrevi quase todo o *Gonzaga de Sá*, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornais do Comércio* do mês passado. Já começo a ser notado. Pelas vésperas do Natal, fui ao Veríssimo, eu e o Manuel Ribeiro. Recebeu-nos afetosamente. Ribeiro falou muito, doidamente, difusamente; eu estive calado, ouvi, dei uma opinião aqui e ali. Deu-me conselhos, leu-me Flaubert e Renan, aconselhando aos jovens escritores. Falou da nossa literatura sem sinceridade, cerebral e artificial. Sempre achei a condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade.

É importante lembrar-se também da vasta colaboração de Veríssimo para o *Jornal do Comércio*, no qual sua coluna “praticamente dirigiu todo o movimento literário nas primeiras décadas do século XX” (SEVCENKO, 2003, p. 112). José Veríssimo tinha um grande veículo de divulgação da crítica em suas mãos, já que o *Jornal do Comércio* era um dos principais e mais respeitados periódicos da época; no entanto, publicamente, Veríssimo só se expressaria essa vez sobre o romance de estreia de Lima Barreto. Após esse primeiro contato com a produção de Lima, Veríssimo só se manifestaria novamente, como dito, em 1910.

Sabemos do seu afastamento em 1908 para dedicar-se exclusivamente à conclusão de sua grande obra *História da literatura brasileira*; mas, em 1907, o crítico ainda estava na ativa. Havia publicado naquele ano, em volume, o livro *Que é literatura? E outros escritos*⁵, no qual colocava a ciência e a arte como as bases da produção intelectual, assim como a ideia de literatura como “boas e belas letras”. Para Veríssimo, o que separava, fundamentalmente, arte de ciência é “que esta é saber, conhecimento, verdade, aquela emoção” (VERÍSSIMO apud BARBOSA, 1978, p. 7), além de deixar clara, no ensaio, sua opção pelo estético e pela literatura como arte literária, já que esta teria a qualidade de permanência, de despertar interesse pela emoção:

Na obra de arte literária, na obra de literatura, há, porém, mais que o aspecto, de algum modo exterior, da forma. A simples perfeição dela poderá, nas belas-artes em geral, constituir uma obra-prima, que vença os séculos, sempre admirada. Que outro mérito há na *Vênus de Milo*? A arte literária exige mais. Para viverem, precisam suas obras virtudes intrínsecas que acaso aquelas outras artes dispensam. E para que alcancemos uma noção exata do que é literatura ou dela nos aproximemos, carecemos descobrir pela análise dos fatos literários o que se pode rigorosamente chamar assim (VERÍSSIMO apud BARBOSA, 1978, p. 4-5).

Em 1910, em carta, Veríssimo mais uma vez se interessaria por Lima. Entretanto, chama a atenção, novamente, a demora do crítico em comentar a publicação do romance *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, então editado em volume.

⁵ “Que é literatura?”, um dos ensaios mais importantes que compõe o citado volume, foi publicado originalmente no *Jornal do Comércio* em 22 de outubro de 1900.

Após a inacabada publicação em folhetim do romance na revista *Floreal*, Lima conseguiu publicar, em dezembro de 1909, por uma editora portuguesa, sua obra de estreia. No entanto, a “carta-crítica” de Veríssimo só seria enviada em março de 1910, e sem se tornar um manifesto público. A notícia de que a edição de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* só foi aceita por uma casa editora lisboeta é, de certa forma, sintomática sobre a dificuldade de se produzir literatura no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Contudo, o mote central do volume de estreia de Lima, provavelmente, incentivou não só a dificuldade de sua publicação, mas também a indiferença da classe crítica do momento. O panorama ácido da imprensa carioca que Lima Barreto traça nos capítulos do romance possivelmente em nada contribuiu para o sucesso entre seus pares. Não podemos desconsiderar que a imprensa, principalmente carioca, era o veículo divulgador das letras nacionais e, portanto, da crítica literária circulante. Lima Barreto criticou aqueles que obviamente poderiam publicá-lo e disseminá-lo.

Por mais que, em 1910, Veríssimo estivesse afastado do trabalho crítico nos periódicos cariocas⁶, a sua reputação permitir-lhe-ia emitir julgamento em qualquer jornal respeitável e de grande circulação, mas a opinião do crítico permaneceu inédita até a década de 1950:

Não me foi de todo possível agradecer-lhe há mais tempo a remessa do seu livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e as generosas expressões de que o acompanhou. [...] Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. Não lhe estou fazendo crítica, da qual estou por completo afastado. Há nele, porém, um defeito grave, julgo-o ao menos, e para o qual chamo a sua atenção, o seu excessivo personalismo. É pessoalíssimo, e, o que é pior, sente demais que o é. Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização. Não há um só fato literário que me desmintam. A cópia, a reprodução, mais ou menos exata, mais ou menos caricatural, mas que se não chega a fazer a síntese de tipos, situações, estados d’alma, a fotografia literária da vida, pode agradar à malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo, mas, escapando à posteridade, não a interessando, fazem efêmero e ocasional o valor das obras. Eu que isto lhe digo, eu mesmo me deliciei, com sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou. A sua amargura, legítima, sincera, respeitável, como todo nobre sentimento, ressumbra demais no seu livro, tendo-lhe faltado a arte de a esconder quanto talvez a arte o exija. E seria mais altivo não a mostrar tanto. [...]. Vê que nem a estima real que tenho pelo seu talento revelado neste livro me faz perder os maus vezos de velho crítico, e que lhe digo, com a sinceridade que devo à sua estima, os senões que me parece há nele. Esses o senhor,

⁶ Em 1912, José Veríssimo voltaria a colaborar n’*O Imparcial*.

estou certo, os reconhecerá espontaneamente – e é ainda a melhor crítica – e deles se corrigirá em novas obras mais perfeitas que as nossas letras lhe hão de dever. [...] Felicito-o pelo seu livro, ao qual desejo o bom sucesso que merece, e rogo-lhe creia nos sentimentos cordiais com que sou.

Seu confrade e obrigado
José Veríssimo⁷

Por mais que revelasse não estar fazendo crítica, Veríssimo elencava, de forma direta e sem subterfúgios, - mas elegantemente, - as imperfeições e os senões da obra barretiana. Se há a presença do talento, as deficiências de estilo, de composição e de linguagem que serão os constantes “defeitos”, observados pelos demais críticos da obra, se fazem presentes na observação do crítico. Apelando para o impressionismo do “gosto ou desgosto”, sem excluir o talento do escritor, Veríssimo critica o personalismo do romance, a nítida amargura pessoal do autor transportada para o texto e a intenção de Lima de fazer de *Recordações* apenas um álbum de fotografias da sociedade da época.

Se na primeira manifestação de Veríssimo, esse se mostrou esperançoso e via uma carreira promissora para Lima Barreto, na carta, observamos impressões severas e até muito intransigentes do crítico. O que fica presente é que talvez Veríssimo, já no final da carreira, não quisesse se comprometer com a opinião pública, assim preferindo uma carta endereçada a Lima no lugar de uma análise crítica formal do romance, logo percebemos que suas manifestações por mais severas que aparentem, não são profundas ou detalhadas. Afinal, *Recordações* era um grande manifesto contra a imprensa da época – tendo como principal personagem o fictício jornal *O Globo*, clara alusão ao importante *Correio da Manhã* carioca, e a crítica, de qualquer modo, era veiculada por essa imprensa. Mesmo tendo fama de fiel aos seus valores, o crítico preferiu, provavelmente, o silêncio ao invés de comprometer-se com seus possíveis “empregadores”.

Apesar de Veríssimo desejar, ao final de sua carta-crítica, sucesso para o romance, na realidade, isto pouco aconteceu. Se o crítico, em sua carta de 1910, continuou fazendo de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* uma ode ao personalismo, entre 1907, – primeira manifestação de José Veríssimo sobre o romance, – e 1910, – data da segunda e última expressão do crítico sobre o *Recordações*, - apenas duas novas opiniões surgiram: a de Medeiros e Albuquerque e a de Alcides Maia, ambas de dezembro de 1909, por ocasião da

⁷ A carta de José Veríssimo poderá ser consultada, na íntegra, na *Coleção Lima Barreto*, Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional ou no tomo I da *Correspondência*, pertencente ao conjunto de suas *Obras Completas. Carta a Lima Barreto (5 de março de 1910)*. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo)*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 203-206.

publicação em volume do romance. Insistindo nos mesmos “erros” já mencionados pela carta de Veríssimo, os dois críticos, através do vespertino *A Notícia* e do *Diário de Notícias* respectivamente, concluíram ser o volume apenas mais um romance *à clef*, dando-lhe assim certa conotação de inferioridade.

Em artigo publicado em 15 de dezembro de 1909, através d’*A Notícia*, Medeiros e Albuquerque foi o primeiro, oficialmente, a atacar a estreia do romancista Barreto na seção “Crônica Literária”:

“Mau romance” – explica – “porque é da arte inferior dos *romans à clef*”. “Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto, com os nomes claramente postos e vai até a insinuação a pessoas, que mesmo os panfletários mais virulentos deveriam respeitar” (*apud* ASSIS BARBOSA, 2002, p. 197).

E seguindo a mesma invariável crítica — de só se interessar pelas alusões pessoais presentes na obra —, Alcides Maia, em 16 de dezembro de 1909, no *Diário de Notícias*, complementava a crítica de seu confrade Medeiros e Albuquerque:

Com palavras amáveis, sem dúvida sinceras, traduzindo a sua real estima pelo escritor, Alcides põe a nu o principal defeito do livro – a sua nota pessoal, que o reduz quase a um “álbum de fotografias”. Não era um romance, mas uma “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios”. E mais adiante: “O volume, vez por outra, dá a penosa impressão de um desabafo, mais próprio das seções livres que do prelo literário” (*apud* ASSIS BARBOSA, 2002, p. 197).

Definitivamente, Lima Barreto sentiu-se incompreendido:

De todas as restrições da crítica ao seu livro de estreia, a que mais o magoou foi precisamente a de considerarem o *Isaías Caminha* só e unicamente um romance *à clef*, pertencente, por isso mesmo, a um gênero inferior de literatura. Revoltava-se contra semelhante juízo, que reputava injusto. Um romance *à clef* pode, afinal de contas, ser um bom romance. Além do mais *Isaías Caminha* não seria, para ele, um “simples álbum de fotografias”, mas a história de um adolescente pobre em conflito com a sociedade que o esmagava ao peso de suas limitações (ASSIS BARBOSA, 2002, p. 200).

Na realidade, o que Lima Barreto queria, ao publicar *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em sua estreia como romancista, era causar impacto na opinião pública leitora, como fica evidente em carta enviada a Gonzaga Duque⁸ em fevereiro de 1909:

⁸ In: *Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo)*. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras Completas*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.

Mandei [para Portugal] as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente mal feito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar, e temo, não que ele te escandalize, mas que te desagrade (BARRETO, 1956, p. 169-170).

Não há como afirmar se a sociedade realmente escandalizou-se. No entanto, provavelmente, escandalizaram-se os jornais da época. Afora as breves manifestações públicas de Medeiros e Albuquerque e Alcides Maia, e a carta de Veríssimo, nenhum outro órgão da imprensa se manifestou sobre o romance quando de sua publicação. Imperou o total silêncio da crítica, e o silêncio feriu Lima mais do que críticas severas, – caso essas existissem:

A única crítica que me aborrece é a do silêncio, mas esta é determinada pelos invejosos impotentes que foram chamados a coisas de letras, para enriquecerem e imperarem (BARRETO, 1956, p. 29-30).⁹

Se, por um lado, os grandes periódicos o exilaram pela sua irônica e direta crítica ao poder — especificamente, à grande imprensa da época —, por outro, essa postura *outsider* possibilitou-lhe a liberdade de expressão pouco notada em outro autor contemporâneo. E, a partir do momento em que se aposentava do serviço público em 1918¹⁰, as últimas amarras que o prendiam são desfeitas. Ao não ter mais vínculo com o funcionalismo, Lima aceita inteiramente a arte participante, não plástica e tampouco contemplativa. Os anos entre 1920 e 1922 representam o momento de aposentadoria e liberdade, e também período mais fértil e ferino de sua escrita.

Já que a Lima não coube participar do discurso legitimador da literatura oficial à sua época, coube-lhe tarefa um tanto mais árdua: a arte da denúncia e da crítica ao *status quo* vigente. Nas palavras de Jean-Paul Sartre, a função do escritor é “fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (1989, p. 21), e Lima Barreto, intelectual questionador, oprimido e estigmatizado por uma biografia que sempre o influenciaria, antecipou, pelos seus escritos, o pensamento crítico e engajado que seria proposto durante o século XX.

Entretanto, a postura militante de Lima trouxe-lhe dificuldades muito perceptíveis. A crítica literária oficial agiu duramente sobre a obra barretiana, não lhe poupando certo

⁹ In: *Histórias e Sonhos*. BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Obras Completas*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.

¹⁰ Lima Barreto foi nomeado amanuense da Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra em outubro de 1903. Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002, p. 405.

ostracismo e esquecimento, tampouco estereótipos marcantes. Em vida, as produções barretianas receberam poucos aplausos. Se a obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha* mereceu a “crítica do silêncio” pelos jornais e críticos do início do século XX, não muito diferente se manteve o julgamento estético de sua produção durante o resto de sua carreira literária. Contudo, se o reconhecimento do brilhantismo da prosa de Lima Barreto deu-se somente através da crítica *post-mortem*, consolidada, por exemplo, por meio da publicação de suas *Obras Completas* em 1956, a percepção, mesmo que tardia, de sua genialidade e o título de antecipador de inovações literárias ajudam Lima Barreto a emergir do entre-lugar a que muitas vezes é relegado pela crítica e manuais literários: o chamado Pré-Modernismo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- BARBOSA, João Alexandre (org.). *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: EDUSP; Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BARRETO, Lima. *Obras Completas*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.
- _____. Prefácio. In: *Recordações do escrivão Isaías Caminha. Obras Completas*. BARBOSA, Francisco de Assis (Org.). São Paulo: Brasiliense, 1956, 17 vv.
- BOURDIER, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean et alli. *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p.105-146.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *E o boêmio, quem diria, acabou na Academia...* Lima Barreto: inventário crítico. Tese de Doutorado em Letras. Assis: FCL da UNESP, 1995.
- MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Curitiba: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2002, 2vv.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura?* São Paulo: Ática, 1989.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.
- _____. *Carta a Lima Barreto (5 de março de 1910)*. In: BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Correspondência Ativa e Passiva (1º tomo)*. São Paulo: Brasiliense, 1956.